INFORM*AÇÃO*: a força que antecipa o futuro.

INFORMATION: a force which anticipates the future

Edna Gomes Pinheiro[1]
Robéria Nádia Araújo Nascimento[2]

INTRODUÇÃO

> [...] É preciso viver-se a esperança dialética sabendo que no futuro residem todas as possibilidades, as boas e as más, e que aquilo que há de vir depende das ações humanas que preparam esse futuro [...] não se trata de desdenhar ou maldizê-lo; trata-se de que cada um no seu intímo instale esta discussão: qual o futuro do meu mundo e o que eu posso fazer por ele? Porque, havendo amor, fica o dito de Santo Agostinho: 'Ama e faze o que quizeres'.
>
> (Cecília Carvalho)

Esta reflexão é oportuna para a abordagem que desenhamos ao longo desse texto, pois nos oferece parâmetros ou referências para pensarmos a transformação social centrada numa nova forma de construção social na qual a informação é uma necessidade para a construção de um novo sentido de coletivo e no enfrentamento aos desafios do **devir**.

Isto posto, percebemos que grandes são os desafios postos à informação num mundo cada vez mais globalizado e multicultural que substitui o homem pela máquina, forçando-o a repensar o seu papel no processo social para redefinir oportunidades e responsabilidades. Mister se faz que a informação evite o descompasso entre o homem e máquina, crie novas cartografias culturais e articule os avanços e a cultura vigente com os desejos e os sonhos dos cidadãos.

Esta questão adquire maior realce no momento em que bibliotecários, arquivistas e documentalistas, compreendendo a sua responsabilidade com o social, o cultural e o político, decidem retomar a discussão sobre a informação, desafio do futuro, no intuito de estimular o respeito mútuo das culturas, na base do reconhecimento do *outro*. Isto é, dos direitos coletivos, uma vez que a diversidade cultural vem reforçando continuamente, o etnocentrismo, explicado como:

> [...] visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos e nossas definições do que é a existência. Dificuldade de pensarmos as diferenças. (ROCHA, 1990, p. 7)

[1] Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. *E-mail*: ednapinheiro@hotmail.com
[2] Profª do Curso de Comunicação Social da Univ. Estadual de Campina Grande. Mestranda em Ciência da Informação/ UFPB. *E-mail*: rnadia@terra.com.br

Este fato fica praticamente incompreensível aos nossos olhos. Hoje, é comum ouvirmos falar que estamos convivendo com a síndrome do futuro presente, cujo ritmo acelerado de mudanças instigado pelo desenvolvimento em C&T, e aliado ao conhecimento e a informação tornou a distância e as fronteiras geográficas coisas do passado. Na verdade, estamos vivendo um grande paradoxo. Na supremacia das máquinas em detrimento do homem, nossos referênciais parecem se desmanchar no ar, desafiando-nos a reconstruir nossa próprio história.

Nesta perspectiva, esse mundo caótico torna-se dialético e as forças dinâmicas da razão interagem fazendo surgir uma nova era na qual, muitas vezes assustados com a velocidade das transformações, nos perguntamos: afinal que rumo tomaremos na presença dessas mudanças e dessa nova era que nos faz desafiar o imprevísivel - o futuro - ? Não temos respostas lineares ou únicas, apenas uma certeza: a informação como fenômeno transformador de relações e práticas sociais concretas pode ser nossa bússola fundamental na criação e recriação do *mundo da vida,* entendido aqui, segundo as palvras de Habermas (1978, p. 167)

> [...] o mundo da vida constitui, pois, o contexto da situação de ação; ao mesmo tempo, ele fornece os recursos para os processos de interpretação com os quais os participantes da comunicação procuram suprir a carência de entendimento mútuo que surgiu em cada situação de ação.

Estamos inseridos num contexto globalizado, portanto não podemos ficar obsoletos diante desse *admirável mundo.* Fazemos parte de uma sociedade de informação que nos torna sedentos por conhecimentos, levando-nos a repensar atitudes e referências e exigindo de nós uma postura pró-ativa diante do processo de geração, transferência e recepção da informação. Esta favorece o fluxo permanente do processo social, através do encadeamento das relações, das ações e das interações entre os seres humanos.

No nosso entender, esse processo pode ser imaginado de forma estratégica como um jogo de conotações que possibilita a polissemia de ações entre sujeitos sociais, que indagam, respondem e interagem nas práticas cotidianas do espaço social. Essa idéia propõe lidarmos com a informação no contexto de dinâmica cultural. Por isso, tomamos por empréstimo as palavras de Marteleto (1994, p. 134), para torná-las nossas na tentativa de compreender melhor esta afirmação:

> [...] no processo de dinâmica cultural, alimentado pelas práticas socais em geral, informação se refere a uma forma moderna de veiculação e expressão de visões de mundo diferentes, porque elaboradas a partir de experiências de vida diversas e contraditórias. Por isso, deve ser considerada. no plano das ações e representações dos sujeitos, em suas práticas sociais históricas e concretas, enquanto um elemento que permeia cada uma dessas práticas.

Nessas condições, podemos deduzir que a relação entre a informação e a cultura é intrinseca. Separá-las uma da outra, como se os caminhos não pudessem se cruzar, corresponde a uma visão reducionista desses dois fenômenos. Portanto, para uma reflexão sobre o tema em pauta é pertinente questionarmos: como pensar a cultura informacional face às exigências postas pela democratização da informação que todos devemos buscar? No nosso entender, a resposta não pode deixar de considerar o equilibrio entre o progresso tecnológico e o desenvolvimento humano como alvo de redefinições na construção da história da humanidade e como solução alternativa para alargar os limites do homem,

fazendo-o compreender o passado, viver o presente e sonhar o futuro, como agente da sua própia história.

A SINDROME DA MÁQUINA: A CULTURA INFORMACIONAL DA CONTEMPORANEIDADE

O sinal mais visível dos tempos presentes, além das profundas alterações dos modos de viver, é a crescente multiplicação dos aparatos tecnológicos que criam, de modo desenfreado, conflitos sociais e repercussões contraditórias. Parece que o sólido se desmancha no ar e valores importantes, quando não desaparecem, apresentam-se empoeirados, marcados pela ação de um novo tempo. A vida, com suas paixões, sentimentos e tudo que lhe é próprio, está sendo superada pela racionalidade das máquinas. Entretanto, é urgente que a *máquina* da prudência seja acionada para que o homem não se deixe transformar em protótipo do futuro, desprovido de alma.

Os homens do futuro, no dizer de Weber (1987, p. 131), são os responsáveis pela existência das "prisões de ferro". Eis um fragmento do seu raciocínio:

> [...] ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão de ferro [...], os 'últimos homens' desse desenvolvimento cultural/moderno podem ser designados como 'especialistas sem espírito', sensualistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançada.

Nesta época de mudanças velozes, onde a cultura tornou-se *informacional* por excelência, o progresso pode adquirir conotações negativas. É sobre isso que nos alerta Marcuse (1982, p. 35),

> [...] o 'progresso' não é um termo neutro; encaminha-se para fins específicos, e esses fins são definidos pelas possibilidades de melhorar a condição humana [...] Eis a contradição interna dessa civilização: o elemento irracional de sua racionalidade. A sociedade industrial que fez suas a tecnologia e a ciência é organizada para a dominação cada vez mais eficaz do homem e da natureza, [...] A vida como um fim é qualitativamente diferente da vida como um meio.

Se lembrarmos o sentido objetivo do termo "cultura", encontramos uma referência a todo o conjunto de criações pelas quais o espírito humano marcou sua presença na história. Imaginamos, portanto, a cultura como um acervo gigantesco que compreende desde as inscrições rupestres pré-históricas até os foguetes espaciais, ou as últimas maravilhas tecnológicas, pois já não é possível citar a mais recente, já que o risco de se tornar *obsoleta* é imenso.

Nesse sentido, cultura é um fenômeno social, criado pelos grupos, e transmitido por estes no tempo, de geração a geração, sendo difundido no espaço, propiciando as combinações mais ricas e mais complexas. Hoje, como já podemos inferir, falar de cultura implica reconhecer a sua planetarização, dada a extensão da cultura tecnológica/informacional que se amplia por todos os quadrantes do planeta.

Aliada à destruição de determinado valores culturais, como as manifestações populares mais autênticas e mais representativas, assistimos a uma difusão cada vez maior dos padrões culturais criados pela tecnologia moderna e dos comportamentos ditados por estes padrões. Indagamos: como o homem moderno pode conviver com toda essa intensidade de informação?

Para Bystrina (1986, p. 60), o mundo real enfrenta desafios instigantes que as máquinas não são capazes de solucionar. Em decorrência disso, o autor formula os seguintes questionamentos:

> [...] o mundo real seria o resultado do sonho de Deus com o homem? O mundo simbólico seria fruto do sonho do homem acerca das máquinas? O mundo imaginário seria o sonho das máquinas acerca de Deus? Acredito que Deus já não mais sonha: os homens também deixaram de sonhar, apenas as máquinas continuam sonhando: sonha que são deuses e até mesmo podem criar novamente os homens.

Na tentativa de confirmar seu ponto de vista, o estudioso codificou uma teoria denominada de *semiótica da cultura.* No modelo descrito por ele, há uma tripla concepção dos fenômenos de transmissão e conservação da *informação cultural* pelos homens.

O primeiro nível informacional/cultural ocorre na esfera do organismo, pois todo ser vivo se constitui a partir de trocas internas de informações. Estas informações são regidas Por códigos e leis próprias da vida, classificados pelo autor como *códigos hipolínguais.*

O segundo nível é formado nas sociedades, onde seres mais complexos requerem interação e interdependência com outros organismos. Estas sociedades não sobrevivem sem uma intensa e sincronizada comunicação regida por *códigos extra-indivíduais*, que são os chamados *códigos línguas.*

A terceira esfera dos fenômenos informacionais se desenvolve com o raciocínio humano: é *a* realidade do imaginário, que pode ser histórica, social e cultural. Tal realidade possui um código *hiperlíngual.*

Esse terceiro nível se manifesta em sonho, atividades lúdicas, criações culturais dos indivíduos em diversos campos e as percepções inusitadas de outros estados de consciência.

A grande contribuição de Brystina (1986), no entanto, não é a classificação destes níveis, mas a possibilidade das *interações* entre o imaginário, o língual e o biológico. Desse modo, sonho e imaginário, fantasia e mitologia também compõe a cultura e pode interferir não apenas na informação tecnológica e pragmática, mas como funcionamento dos códigos da própria esfera biológica humana.

Ortiz (1994), em opinião semelhante, acredita que as conquistas tecnológicas estimulam a imaginação, sugerindo idéias fantásticas sobre os homens e a sociedade: algo de mágico e de sobrenatural. Para este estudioso, tal fato induz a uma interpretação determinista da história, atribuindo-se à tecnologia uma capacidade superior à verdadeira. São as *incompreensões moderna,* se quisermos utilizar suas próprias palavras, porque a tecnologia apenas impulsiona o mundo; não faz dele a sua extensão e nem carrega em si mesma uma ontologia do ser social. Os avanços tecnológicos e informacionais podem bloquear o progresso interior do homem, ocasionando crises de difícil superação. As maravilhas tecnológicas, portanto, não criam o paraíso na terra.

No pensamento de Ortiz (1994), a cultura em tempos globais só pode ser compreendida no *plural. A visão* unilateral defendida por correntes antropológicas conservadoras não mais se sustenta, uma vez que não pode dar conta do tempo novo que vivenciamos. Fala-se, portanto, da emergência de uma cultura mundializada. Uma espécie de cultura que não implica o aniquilamento das outras manifestações culturais, mas que coexistem com essas manifestações e se alimenta delas. O mundialismo, segundo este raciocínio, não identifica à uniformidade, mas à transversalidade. A idéia de mundialização é associada ao domínio específico da cultura.

> [...] a categoria 'mundo' encontra-se assim articulada a duas dimensões. Ela vincula-se primeiro ao movimento de globalização das sociedades, mas significa também uma 'visão de mundo', um universo simbólico específico à civilização atual. Nesse sentido, ele convive com outras visões de mundo, estabelecendo entre elas hierarquias, conflitos e acomodações. (ORTIZ, 1994, p. 29).

Dentro dessa perspectiva, como podemos pensar a problemática cultural? Se a cultura uniforme, padronizada, cedeu espaço para a cultura mundializada, podemos vislumbrar sua concepção como um processo que gera totalidade. Um processo que se reproduz e se desfaz incessantemente no contexto da realidade social, sendo revestido de uma dimensão abrangente, englobando outras formas de organização social: comunidades, etnias, nações, de modo amplo e global. Raciocinar de outra maneira seria permanecer na visão dicotômica que relacionava cultura x sociedade global e sociedade local, e assim sucessivamente. Hoje, faz mais sentido compreender que a totalidade cultural envolve as múltiplas particularidades, numa tentativa de *somar* as suas diversas expressões. Vale ressaltar, porém, que essa totalidade não significa homogeneidade: "uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou*"* (ORTIZ,1994, p. 31).

Conforme Santos (2000), o crescimento do fluxo contínuo de informações em todos os aspectos que permeiam a realidade e a oferta crescente de bens simbólicos à disposição dos indivíduos criaram uma proliferação de concepções de mundo que é indissociável da proliferação de "subculturas". Como podem ser classificadas essas "subculturas" ?

> [...] nessas sociedades onde as imagens e os bens simbólicos formigam, onde pululam os objetos e as informações, os estilos de vida e de expressão não fazem outra coisa senão dar testemunho de existências estéticas que ofuscam os rigores da razão. Nessas sociedades o produto estético tem a capacidade de engendrar comunidades (SANTOS, 2000, p. 95).

A aparência, o aspecto efêmero, a composição descartável tornam-se, numa era tecnológica, os signos da modernidade. Esses grupos sociais daí decorrentes criam uma ausência de organização, fato responsável pelo surgimento de "subculturas". Os vínculos sociais que unem essas culturas são frágeis, posto que sua transformação é constante. Nesses núcleos, a informação dita a solidariedade e os traços comuns, originando verdadeiros nichos de interpretação particulares. Essas "subculturas", na verdade, são produto do capitalismo:

> [...] confrontado a uma paisagem social composta por inúmeros conjuntos de indivíduos com tendência similares de consumo, o capitalismo gerou a produção flexível, através da qual ele oferece produtos muito específicos, produtos sob medida, para grupos de indivíduos que tem um perfil de consumo semelhante (SANTOS, 2000, p. 99).

Faz-se necessário, portanto, uma nova abordagem dos temas relacionados à cultura, visto que o espaço e o tempo assumem uma diferente configuração. O mundo tornou-se estranho para todos que o entendiam de uma forma linear. Para ajudar a compreender esse admirável mundo novo, Rodrigues (1994) lança algumas luzes a respeito. Argumenta que a cultura não é regida por leis naturais e obrigatórias, mas por processos que fazem interferir escolhas e projetos culturalmente concebidos. Em suas palavras:

> [...] dificilmente encontraríamos, hoje, domínios de nossa experiência individual e coletiva que escapem da técnica [...] Se a planetarização telemática parece anular o defasamento tecnológico entre os povos, a tecnização da experiência quotidiana parece neutralizar o próprio mundo da cultura (RODRIGUES,1994, p. 195).

Corroborando o ponto de vista de Ortiz (1994), defende a existência de uma "planetarização tecnológica que cria uma mundialização da cultura técnica*"*. Não podemos separar cultura e técnica, já que ambos fenômenos encontram-se imbricados, o que dificulta uma distinção particular.

Alguns estudiosos, segundo Rodriguês (1994), vêem neste acesso generalizado às novas tecnologias, oportunidades de crescimento e avanço nas participações políticas por parte da população. Outros, mais precavidos, consideram as mutações tecnológicas do tempo atual como a morte das culturas tradicionais , da diversidade dos modos de vida e a perda da especificidade de diversas experiências do mundo que enriqueceram as civilizações.

ACERTOS DE CONTAS.... E AGORA?

De que lado ficaremos? Dos otimistas ou dos pessimistas?

Precisamos ter em mente que a síndrome das máquinas, característica mais evidente do terceiro milênio, também produz uma nova fórmula de sociabilidade, possibilitando a geração de outros modos de vida, pautados na autonomia individual. No entanto, há um clima de inquietação e de esperança que se misturam, colocando o homem moderno à prova e à dúvida constantes. Para reforçar o nosso pensamentos Rodriguês (1994), salienta:

> [...] continuamos a envelhecer e a morrer, como seres enraizados no mundo biológico e sujeitos aos processos temporais irreversíveis, mas as experiências vividas no passado projetam-se no presente, à nossa frente, diante dos nossos olhos, com um realismo vertiginoso e alucinante. A nossa experiência do tempo deixa assim progressivamente de se reduzir à nossa própria capacidade de reminiscência, para se abrir a uma multiplicidade de mundos que os dispositivos técnicos de informação mantêm constantemente disponíveis numa espécie de 'mnemotécnica'.

Permanece sólida a idéia de que as novas máquinas de comunicar, responsáveis pelo fluxo veloz de informação, impõem novas formas de agrupamento social e de conexão global, redesenhando culturas tradicionais e permitindo aos indivíduos condições de modificar a sua realidade. Recorremos, nesse instante, a Leonardo Boff, quando diz que o homem é habitado por uma paixão insaciável que não encontra no universo nenhum objeto que lhe seja adequado e que o faça repousar. Entendemos que, assim como o homem, a relação entre a informação e a cultura também é um projeto infinito.

REFERÊNCIAS

BYSTRINA, I. *Semiótica da cultura*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

CARVALHO, M.C.M. de (org.) *Metodologia científica fundamentos e técnicas onstruindo o saber*. 8. ed. São Paulo: Papirus, [199-?].

HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de janeiro : Tempo Brasileiro, 1989.

MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*: o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar,1982.

MARTELETO, R.M. Cultura da modernidade: discussões e práticas informacionais. *R. Esc. Bibliotecon.UFMG*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 115-137, jul./dez., 1994.

ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo : Brasiliense, 1994.

ROCHA, E.P.G. *O que é etnocentrismo*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RODRIGUES, A.D. *Comunicação e cultura:* a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Presença, 1994.

SANTOS, F.C.dos. Sob o brilho frio dos tubos de raios catódicos. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J.M.da (orgs.) *Para navegar no século XXI*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 5. ed. São Paulo: Pioneira [199-?].